

UTILIDADES VAZIAS EM UM MUNDO SEM CORAÇÃO

Renato Nunes Bittencourt¹

ORDINE, Nuccio. **A UTILIDADE DO INÚTIL: um manifesto**. Trad. de Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016, 224p.

O regime da eficiência da modernidade tecnocrática submete todas as formas criativas da vida humana ao crivo do funcional, conveniente e utilitário. Somente aquilo que é produtivo e lucrativo adquire dignidade moral em uma realidade desprovida de substancialidade, de reflexividade e de capacidade de se colocar para além dos critérios normativos do status quo. Cada vez mais saberes imputados como alheios ao poder do criminalizados. Sim, criminalizados, pois a barbárie fascista se apropria do poder para vetar o que não condiz com sua virulência unidimensional da existência. Esse imperativo autoritário da eficácia escamoteia o fato de que as atividades criativas que não geram a lucratividade capitalista (tão conveniente para os apólogos do mundo empresarial e para os seus acionistas) são, todavia, indissociáveis das capacidades organizacionais do sujeito no seu processo de concretização de um bem considerado útil. Nessas condições, a ideologia tecnocrática e seu agourento processo de negação da singularidade da vida prejudica a própria normalidade do sistema vigente, pois não compreende o caráter intrincado da estrutura produtiva da vida humana, que exige sempre espaço para a autonomia do sujeito. O próprio processo de reformulação do capitalismo reconheceu a importância da valorização do tempo livre, do ócio e da inovação como técnicas de fortalecimento das bases produtivas e dos segmentos de prestação de serviços, ainda que essas propriedades, obviamente, sejam apropriadas pelos detentores dos meios de produção para a geração de maiores índices de lucro.

Nuccio Ordine, em *A utilidade do inútil: um manifesto*, adentra nessa polêmica seara, na qual tanto a Humanidade como as humanidades estão em crise. As crises são positivas pois estimulam a reflexão sobre a situação vigente das instituições e suas performances. Talvez tudo o que se configure como linear se arrisca a perecer pela monocórdia. Os abalos sistêmicos pelos quais passam as humanidades na lógica utilitária do capitalismo tardio apresentam também alternativas. Quais motivos ocasionaram na perda da credibilidade e da legitimidade das humanidades no desenvolvimento de nossa

¹Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ/Professor do Curso de Administração da FACC-UFRJ. E-mail: renatonunesbittencourt@gmail.com

civilização tecnocrática? Os grandes discursos filosóficos somente se tornam palatáveis quando envernizados e pasteurizados pelos dispositivos midiáticos, as criações literárias e artísticas se sujeitam ao crivo do vendável (não que isso seja inconveniente, mas essa monetarização do fluxo criativo pode estimular a perda da ousadia em favor do conformismo e do padrão aceitável).

É preciso que primeiro nos entendamos quanto ao significado das palavras. O que se entende hoje por “útil”? Como vem ocorrendo nas democracias orientadas para o mercado, essa é uma maneira de associar a pesquisa e o saber à comunicação, colocando em cena, de modo superficial e vazio, que o meio se torna mais importante que a própria mensagem (quando o conhecimento é reduzido à informação desarma-se o potencial transformador do próprio conhecimento: uma coisa é informar, outra bem diferente é conhecer). Assim a mensagem inerente a essas escolhas políticas me parece muito clara: a cultura e a pesquisa científica são completamente “inúteis”, estão destinadas a servir à lógica do lucro; são um luxo ao qual o povo brasileiro não pode se permitir. E mesmo que de maneira menos radical, essa tendência parece mesmo se afirmar no mundo inteiro: os governos, de fato, cortam cada vez mais o financiamento para a escola, para a universidade, para a pesquisa científica básica, para os teatros, para as bibliotecas, para as orquestras e os conservatórios musicais; em outras palavras, retira-se a base de manutenção daquelas instituições e daqueles saberes que não produzem dinheiro, que não produzem algo útil monetariamente. E é essa uma enorme miopia: porque os governantes não compreendem que para se torne mais humana a humanidade precisa dessas instituições e desses saberes injustamente considerados inúteis. Com a beleza e a cultura aprendemos a compreender o sentido de palavras como “desinteressado” e “gratuito” que, no entanto, desapareceram do nosso vocabulário cotidiano. É exatamente a cultura e todos os saberes considerados inúteis que são atualmente a única forma de resistência ao câncer devastador do dinheiro visto como objetivo único da nossa existência: sem a música, sem a literatura, sem a arte, sem a pesquisa científica livre de vínculos utilitaristas será difícil faz com que os nos jovens compreendam que a dignidade humana não se equipara à conta bancária, mas somente com a aceitação dos grandes valores que dão um sentido autêntico às nossas vidas. O livro de Nuccio Ordine permite o desenvolvimento de três grandes questões fundamentais:

- 1- O enaltecimento do útil na sociedade atual expressa um espírito filisteu tal como denunciado pela intelligentsia oitocentista?

- 2- A desvalorização da educação artística e das humanidades decorre de uma disposição reativa da sociedade tecnocrática?
- 3- De que maneira o inútil pode permitir nosso autoconhecimento?

A nossa estruturação social, baseada no lucro e na tecnocracia, gostaria de transferir a lógica empresarial também para os âmbitos nos quais, ao contrário, essa não deveria entrar. As escolas e as universidades já são pensadas exclusivamente como empresas que vendem diplomas e os estudantes são considerados clientes que compram esses diplomas. Cada vez mais, os professores se tornam burocratas a serviço da gestão administrativa da educação. A formação das novas gerações é pensada sobretudo em função do mercado e das suas exigências. Também aqui estamos diante de um suicídio programado que tem como finalidade matar nos estudantes toda e qualquer abertura à curiosidade. Ao invés de encorajar os nossos alunos a estudar somente pelo prazer de satisfazer a própria curiosidade e os próprios interesses, nós os corrompemos ainda quando são muito jovens, fazendo-os crer que se estuda para adquirir uma profissão e para ganhar dinheiro. Uma deriva que coloca seriamente em perigo o futuro da humanidade. Einstein dizia que a ciência e a tecnologia necessitam de criatividade. E a criatividade se desenvolve por meio da fantasia, da imaginação, do livre exercício da curiosidade. Em nome do útil destrói-se o terreno de cultivo do progresso e do aperfeiçoamento do saber. Os dirigentes das multinacionais e aqueles que trabalham no mundo financeiro estão somente interessados em apoiar projetos e programas que possam maximizar o lucro e acelerar o tempo no qual esse lucro deve ser realizado. E para conseguir seu objetivo, eles não têm nenhum respeito pela salvaguarda do planeta e pelos milhões dos nossos irmãos que vivem abaixo do nível da dignidade humana. É realmente este o mundo que queremos deixar como herança para as gerações futuras? São estes os valores para os quais devemos educar os jovens? Somente educando os jovens ao amor para o bem comum e para a solidariedade humana se poderá combater a ditadura do dinheiro e da corrupção. Não há talvez outra saída.